

Cineclube na Escola e Educação Ambiental

Por Silene Lourenço

Atualmente, o cinema com temática ambiental ganha cada vez mais importância não só entre produtores de cinema. Ambientalistas, educadores e profissionais de diferentes áreas, buscam o cinema para compreender melhor a dimensão dos problemas que estamos enfrentando e para ampliar o diálogo sobre a representação do futuro que está em construção.

O conceito de cinema ambiental¹ é empregado aqui de maneira ampla, para além de uma categoria usada em festivais. O conceito se refere às diferentes formas de representação do cinema, em diferentes épocas e lugares, da maneira como os seres humanos se relacionam com o meio em que vivem, incluindo os demais seres vivos que integram esse meio.

Desde o enaltecimento das belezas naturais do Brasil e do destaque dado às nossas florestas (riquezas) inexploradas pelas produções que marcaram as três primeiras décadas do século XX, passando pelas obras de caráter ufanista que ressaltavam o exotismo da diversidade das paisagens e das populações originárias brasileiras, ao mesmo tempo em que forjavam uma ideia de progresso baseada na urbanização do país (décadas de 1930, 1940 e 1950), até o surgimento do cinema socioambiental, voltado para os problemas do desequilíbrio natural provocado pela intervenção humana (a partir de 1960), o cinema ambiental é analisado sob uma perspectiva histórica para a inclusão das questões ecológicas na agenda dos cineclubes do século XXI.

Nesse sentido, podemos afirmar que existem muitas razões para incentivarmos a criação de cineclubes na escola em relação com a Educação Ambiental.

No dia 26 de agosto de 2022², Luiz Bolognesi, importante referência do cinema ambiental brasileiro, autor de vários filmes premiados, entre eles ***A Última Floresta*** (2021), apresentou uma *Master Class* intitulada “Como produzir narrativas cinematográficas que dialoguem com as juventudes?”

Durante a exposição, Bolognesi ressaltou que pensar na imersão de crianças e jovens em uma sociedade audiovisual significa pensar sobre a nova relação que essas gerações estão estabelecendo com o tempo. Se para nós, adultos, desacelerar é muito difícil, para elas é impossível.

Não precisamos ir muito longe para concordar com o mestre. Em nossa convivência

¹ A expressão “cinema ambiental” passa a ser usada na década de 1980 para designar uma categoria específica de filmes apresentados em festivais de cinema voltados para as questões ecológicas contemporâneas. Para saber mais, sugerimos a leitura do artigo **Apontamentos sobre O Cinema Ambiental: A Invenção de um gênero e a Educação Ambiental** (GUIDO; BRUZZO. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, PPGEA/FURG – RS, 2011) disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3249/1933>. Acesso: 11/09/2022.

² Seminário Cinema, Educação e Sustentabilidade (SESC/Ecofalante), agosto de 2022. <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/seminario-de-cinema-educacao-e-sustentabilidade>

diária com aparelhos de celular, por um lado, e com crianças e adolescentes, do outro, seja dentro ou fora de casa, dentro ou fora da escola, essa realidade é sentida e confirmada o tempo todo.



Cena de *A Última Floresta*, direção de Luiz Bolognesi (Brasil, 2021). Foto: Divulgação

A experiência cinematográfica (experiência de ver filmes sem interrupção, em salas escuras ou adaptadas) é uma experiência que, potencialmente, pode nos transportar para outra época e/ou para outro lugar, levando-nos a refletir sobre o nosso próprio tempo e lugar e a sonhar com outras formas de se viver.

Paradoxalmente – afinal, o cinema faz parte da evolução tecnológica que alterou radicalmente o ritmo natural da nossa relação com o tempo e o espaço – a cultura cinematográfica, incentivada pela formação de cineclubes nas escolas, pode contribuir para a criação de novas formas de nos relacionarmos com o tempo e o espaço, formas essas mais engajadas, agregadoras, saudáveis e prazerosas.

A **produção** audiovisual e cinematográfica na escola, por sua vez, amplia ainda mais essa possibilidade, pois exercita o trabalho colaborativo, respeitando, necessariamente, o ritmo de cada um, ao mesmo tempo em que, individualmente, somos impelidos a acompanhar o ritmo do grupo.

É preciso, ainda, considerar que durante dois anos de isolamento social, aproximadamente, impostos pela epidemia de COVID-19 (Coronavírus), muitas crianças e jovens criaram um jeito próprio de lidar com as tecnologias da informação e da comunicação, desprovidas de qualquer senso crítico e sem nenhuma orientação.

Para além de trabalhar com temas importantes, o cineclube na escola pode contribuir para criar hábitos mais saudáveis de convivência com as telas, o que, em nossa opinião é pauta para a Educação Ambiental.

Da mesma forma, deve ser pautada pela Educação Ambiental a necessidade ou não de substituição de mídias físicas (DVD, HD Externo, Pen Drive) pelo acervo de plataformas digitais. Os dois formatos, aliás, podem ser usados para ampliar possibilidades e reduzir despesas, além de poupar o meio ambiente do descarte de objetos que ainda podem ser úteis.

Cláudia Mogadouro, em seu artigo “A volta da cultura cineclubista”³, enfatiza a participação de pessoas da comunidade escolar na organização de cineclubes. Nesse sentido, o cineclubes deve ser pensado, também, como espaço de formação de educadores (professores, familiares, lideranças comunitárias). É preciso considerar a realização de sessões de cinema à noite ou aos finais de semana para acolhimento das famílias. Essa não precisa ser uma meta de curto prazo. A criação da cultura cinematográfica na escola é gradual, processual.

Reforço, nesse ponto, o pensamento da Prof^a Raquel Rolnik (arquiteta, urbanista e ativista) apresentado na palestra “Desafios urbanos e sustentabilidade”,⁴ para quem viver em um mundo caótico é viver em um mundo de infinitas possibilidades e, portanto, um privilégio, pois estamos diante de múltiplas demandas por soluções criativas.

Seguindo, ainda, a sua linha de pensamento, podemos afirmar que a experiência cinematográfica é maravilhosa quando ela é capaz de nos colocar no lugar de diferentes pessoas e de diferentes formas de vida, isto é, quando ela promove a empatia e o desejo por mudança, por transformação.

Uma mesma experiência, no entanto, é vivida de maneiras diferentes por cada um de nós porque é atravessada pela bagagem cultural que carregamos, isto é, pelas experiências vividas anteriormente, mediadas ou não pela linguagem audiovisual. Mas, todos nós, para mais ou para menos, saímos diferentes dessa experiência. Daí a importância de se promover o debate após a sessão e novamente nos colocarmos no lugar do/a outro/a, sentirmos o que sente o/a outro/a.

Estimular a cultura cinematográfica na escola é promover qualidade na Educação tendo em vista a transformação do ser humano em relação com o/a outro/a e com o meio em que se vive.

Cineclubes na Escola e Emergência Climática

Qual é o potencial do cinema frente às emergentes mudanças climáticas? Esse é um tema recorrente tanto em filmes de ficção quanto em reportagens e documentários. Sob o ponto de vista de uma educação ambiental, qual seria a contribuição desses diferentes gêneros cinematográficos?

A potência do cinema ambiental em *Recife Frio* (Kleber Mendonça Filho, Brasil, 2009, 25 min)

Quando *Recife Frio* foi lançado em 2009, a preocupação do diretor Kleber Mendonça Filho parecia ser com o crescente poder de manipulação da realidade propiciado pelo desenvolvimento da técnica de captação e edição da imagem e do som. Daí a escolha por um falso documentário. Uma escolha, aliás, muito acertada, considerando a dúvida flagrante que paira sobre os mais desavisados quando assistem o curta-metragem pela primeira vez.

3 https://www.fattorhost.com.br/imagens/mrpmk/janelaaberta/leituras-artigos/A_Volta_da_Cultura_Cineclubista.pdf

4 Seminário Cinema, Educação e Sustentabilidade (SESC/Ecofalante), agosto de 2022.

<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/seminario-de-cinema-educacao-e-sustentabilidade>

Essa discussão nunca foi tão atual e pertinente, afinal “estamos atravessando a Era da Informação cada vez mais desinformados”, segundo Manuell Castells. Não sabemos mais o que é fato e o que é *fake*, o que é confiável e o que é duvidoso.

Não obstante, *Recife Frio* ganha outros sentidos com as emergentes mudanças climáticas que permitem uma nova, e não menos válida, leitura da obra.

No filme, Recife deixa de ser uma cidade tropical e passa a enfrentar baixas temperaturas após a queda de um meteorito. Um longo trabalho de (falsa) reportagem é minuciosamente feito para criar uma distopia, provocando sensações e reflexões difíceis de serem traduzidas pelo telespectador diante dos desdobramentos das radicais mudanças no clima.

Pensando no potencial da linguagem do cinema (e da arte, em geral) de nos fazer pensar e de nos transportar para outras realidades possíveis, *Recife Frio* nos coloca diante de uma distopia cada vez mais verossímil.



A distopia de *Recife Frio* (2009) atualíssima. Foto: Divulgação

Como não temos a intenção e, muito menos, a pretensão de esgotar o assunto neste breve trabalho, mesmo porque nossas certezas andam muito duvidosas, resta-nos propor mais perguntas: a sobreposição de dois gêneros – documentário (formato) e ficção (invenção dos fatos reportados) –, nesse filme, enfraquece ou potencializa a discussão no âmbito da educação midiática e da educação ambiental? Como?

Cláudia Mogadouro costuma dizer, com conhecimento de causa, que qualquer filme tem potencial para gerar debate, desde que haja uma boa mediação.

Podemos afirmar, isso com certeza, que Recife Frio não é um filme feito para crianças pequenas. Mas, é um filme que contribui para ampliar a visão e o repertório dos adultos que educam crianças pequenas.

No entanto, o trabalho de seleção e montagem a partir de filmes diferentes para a construção de um fluxo imagético com a intenção de ser exibido para crianças pode nos surpreender durante o precioso exercício da escuta. Como eu já havia escrito em algum lugar, o testemunho do Papai Noel em *Recife Frio* é impagável.

Sugestões de filmes com foco na Educação Ambiental:

Destacamos a **plataforma Ecofalante Play**, que traz um catálogo excelente, com muitos filmes com temática socioambiental. A plataforma é gratuita, mas é preciso um cadastro e inscrição no filme que se deseja assistir. Os filtros para localização dos filmes também são ótimos.

Para conferir a plataforma: <https://play.ecofalante.org.br/educacional>

Longas-metragens

DESCARTE, Leonardo Brant (Brasil, 2021, 52') – disponível na plataforma Ecofalanteplay.



AMAZÔNIA 10 MILHÕES, Ricardo Azoury/Claide de Paula Moraes (Brasil, 2017, 45') – Série com 6 episódios, disponível na Plataforma do Canal Curta! E na Prime Vídeo.



A FEBRE, Maya Werneck Da-Rin (Brasil, 2020, 1h38')

Disponível na Netflix



A ÚLTIMA FLORESTA, Luis Bolognesi (Brasil, 2021, 1h14')

Disponível na Netflix



DERSU UZALA, Akira Kurosawa (URSS/Japão, 1975, 2h35')

Disponível no youtube.

Veja nosso material de apoio para o filme Dersu Uzala:

https://www.fattorhost.com.br/imagens/mrpmk/janelaaberta/leituras-materiais-pedagogicos/Material_de_Apoio_Dersu_Uzala.pdf



Curtas-metragens

PAJERAMA, Brasil, 2008, 9', Leonardo Cadaval

Disponível no youtube



CAMINHO DOS GIGANTES, Brasil, 2016, 12 min, Alois di Leo

Disponível na Plataforma Ecofalante Play



PARA ONDE FORAM AS ANDORINHAS? Brasil, 2015, 22 min, Mari Corrêa

Disponível na Plataforma Ecofalante Play



AURORA, A RUA QUE QUERIA SER UM RIO, de Radhi Meron (Brasil/Islândia, 2021, 10 min)

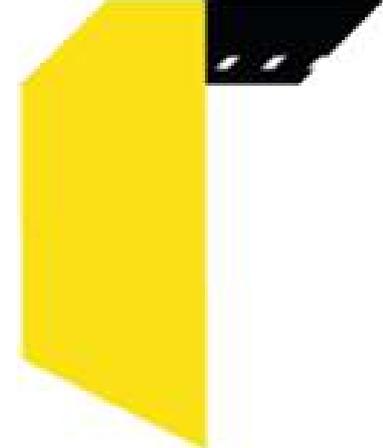
Disponível na Plataforma Ecofalante Play



Disponível **VELLOZIA – O CURTA!**, de Pedro de Castro Guimarães (Brasil, 2024, 13 min)

Disponível no Youtube





JANELA
ABERTA
Cinema & Educação